



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

**O FEMININO ESCRITO E O CORPO REPRESENTADO:  
AS EXPERIÊNCIAS FEMININAS (DES)CONSTRUINDO O “CORPO  
FEMININO”<sup>1</sup>.**

**Edivalma Cristina da Silva**

**Aluna Especial do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – UFRN**

**Mestre em Ciências Sociais – PGCS/UFRN**

**Bacharela e Licenciada em História – CERES/UFRN**

**edivalma@hotmail.com**

A mulher é symbolo da alegria e da paz; a formosura de todas as formosuras.  
- O homem é uma creança traquina e voluvel que se deixa arrastar ao impulso de um pequeno capricho<sup>2</sup>.

O homem tem três caracteres: o que tem, o que mostra e o que pensa ter. A mulher, pelos seus sentimentos de bondade, apresenta caracteres que não se podem descrever<sup>3</sup>.

Publicado em edições distintas do *Jornal das Moças*, esses pensamentos tecem papéis sociais para o feminino e o masculino: a mulher como “naturalmente” alegre e passiva; o homem enquanto ativo e incapaz de controlar seus impulsos de “macho”. Esses papéis pretensamente “naturais” atribuídos a homens e mulheres e legitimados a partir da suposta inteligibilidade das categorias de gênero e da subjetividade modelizada pelos discursos normativos, são *efeitos* de “verdade” produzidos sobre o sexo, a sexualidade e os confrontos sociais e políticos. É essa construção sócio-histórica dos gêneros, perceptível nos discursos tecidos pelo *Jornal das Moças*, que veicula a construção do feminino como o “outro”, a “oposição”, a “natureza”, “o” sexo.

<sup>1</sup> Esse texto faz parte das discussões apresentadas no trabalho dissertativo da autora, intitulado “*Dos atos confessos aos afetos não-ditos: Um olhar sob as múltiplas experiências femininas a partir da análise dos discursos jurídicos, jornalísticos e orais. Caicó-RN (1900-1945)*”, defendido em 2009 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>2</sup> PENSAMENTOS. *Jornal das Moças*, Caicó, ano 1, n. 16, p. 1, 23 maio 1926. (Grafia das palavras conforme o original).

<sup>3</sup> VAL-SOB. Distincções. *Jornal das Moças*, Caicó, ano 1, n. 26, p. 1, 31 jul. 1926. (Grafia das palavras conforme o original).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O *Jornal das Moças* consistiu em uma publicação semanal caicoense destinada às mulheres norte-rio-grandenses. Seu corpo editorial era formado por mulheres da chamada “camada elitista” caicoense: a professora Georgina Pires - responsável pela editoração; Dolores Diniz - gerente; Júlia Medeiros, Maria Leonor, Julinda Gurgel e Santinha Araújo - redatoras do jornal. Embora fosse um jornal redigido por mulheres, ele também possuiu três colaboradores do sexo masculino: o advogado Renato Dantas, o coronel Janúncio Bezerra da Nóbrega e Dr. José Gurgel de Araújo, recebendo, ainda, contribuições de outras moças da sociedade caicoense, principalmente para a Coluna de Cartas<sup>4</sup>. Sua primeira edição data de 07 de fevereiro de 1926, somente encerrando seu trabalho em 1932 com o fechamento da tipografia que se localizava na Praça da Liberdade (NETO, 2002).

Esse tablóide era o único jornal caicoense produzido por/para mulheres e suas notícias transmitiam assuntos nacionais e caicoenses, veiculando, ainda, colunas de literatura, humorismo, notas sociais, curiosidades variadas, novidades sobre a moda, poesias, pensamentos, e, principalmente, críticas, conselhos e exemplos de condutas para a mulher e sociedade.

O *Jornal das Moças* e os processos-crime de defloramentos, abortos e infanticídios apresentam-se como principais mecanismos de construção e difusão da polaridade de ideais familiares e de feminilidade/masculinidade na sociedade caicoense, através das mensagens propagandísticas do cuidado com o corpo e com a alma, bem como pelas várias técnicas de controle e vigilância. A partir dessas fontes, pode-se delinear e estudar a representação social do “feminino burguês”<sup>5</sup> enquanto uma construção sócio-histórica e *efeito* de práticas reguladoras de uma sociedade falocrática e das transformações socioeconômicas, na primeira metade do século XX.

---

<sup>4</sup> A Coluna de Cartas era um espaço destinado à publicação de cartas dos leitores, os quais escreviam discutindo matérias anteriormente publicadas pelo jornal (a exemplo do divórcio e casamento), tecendo opiniões, elogios ou críticas ao mesmo.

<sup>5</sup> O feminino burguês é um construto sócio-histórico e cultural que legitima a mulher enquanto ligada à esfera privada através de seu papel social de reprodutora de valores e de filhos legítimos; disciplinada para casar civilmente e exercer seu papel de esposa, mãe e dona de casa. Voltada para o lar e higienizada, essa mulher deveria incorporar esses cânones dominantes de *ser mulher* difundidos pelos jornais e Justiça, a partir de fins do século XIX. Logo, a medicalização da sexualidade feminina e a construção imagética da “santa mãezinha” consistiram em políticas higienistas/normalizadoras que naturalizaram e legitimaram esses cânones considerados burgueses. Ver: MALUF; MOTT (2001); D’IANCO (2006).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Tornando-se alvo das políticas moralizantes e higienistas, as mulheres passaram a receber incidências das novas técnicas e práticas corporais<sup>6</sup> – calcadas nos saberes médicos que voltaram o olhar, junto aos Estados, para políticas de higienização (ANDRADE, 2007; CARVALHO, 1987) e medicalização do corpo feminino, familiar e social em ação por meio de uma medicina social e estatal (FOUCAULT, 1993) – não apenas através das notícias veiculadas pelos jornais, mas principalmente pela oralidade<sup>7</sup>. É necessário ressaltar que aqui se está pensando nas mulheres inseridas em uma esfera mais abrangente: o corpo social, sob o qual se investiram economias, discursos e tecnologias modernas que tinham como objetivo, eliminar as mazelas do atraso físico – estrutura/ urbana e econômica do país – e moral – da população.

O cuidado com o corpo torna-se perceptível no *Jornal das Moças* através de artigos que apresentavam novas técnicas corporais que perpassavam, como mostra Mauss (2003), pelo esfregar, lavar, ensaboar e no cuidado com a higiene bucal e das necessidades naturais humanas. Isso demonstra a ação da pedagogização do corpo aliada ao *cuidado de si*, de que fala Foucault (2002), no desenvolvimento de uma *cultura de si* que traz para si a atenção médica sob o corpo, configurando-o como frágil necessitando, dessa forma, ser constantemente (re)visitado por médicos e moralistas. Assim, prescreviam-se “verdades” sob o pretenso papel “natural” ao sexo e ao corpo feminino: ser mãe e esposa (MALUF; MOTT, 2001).

Logo, a educação e o disciplinamento do corpo feminino para a virgindade, o casamento e a maternidade passavam a ser defendidos pelos discursos normalistas enquanto pilares da moralidade moderna, como se pode observar no artigo seguinte, intitulado *Tres Nymphas*, ao apresentar a mulher virgem, esposa e/ou mãe associada aos sinônimos de amor, abnegação e companheirismo. Eis a representação feminina tecida e representada pelas imagens das ninfas:

A primeira representa a VIRGEM – uma mulher linda. Emanada de [...] amor.; [...] um anjo vagando [...] a espalhar os effluvios de sua candura. Sua palavras são sempre affaveis com maneiras sempre cativantes [...] personificação do Belo.

<sup>6</sup> Sobre essa temática, ver: DEL PRIORE (2000).

<sup>7</sup> O conhecimento da defesa da honra pela Justiça se dava principalmente através da oralidade, os ofendidos eram instruídos por vizinhos, amigos, parentes sob como proceder à queixa quando se desejava “limpar” à honra, ou seja, procurar à Justiça.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A segunda representa a ESPOSA, uma mulher sublime. Espalha [...] carinho, ternura. Inseparável companheira do homem, sua maior amiga em todas as ocasiões, consola-o meigamente suas lágrimas. [...] Personificação da Bondade, do Amor e da Abnegação.

A terceira representa a MÃE, uma mulher divina, alimenta ternamente ao seio, o filho de suas entranhas, acompanha no desvelo de seus primeiros passos [...] emoldura a ação de virtudes. É a personificação do Heroísmo e do Carinho<sup>8</sup>.

Centrado em um moralismo “gritante” (FONSECA, 2006), o Estado trouxe para si o poder de intervir em casos que provocassem mazelas a imagem pública, antes centrada no poder da Igreja. Como bem coloca Donzelot (1986) o Estado passou a agir por meio das famílias tornando-as discursivamente responsáveis pela pedagogização da mulher e da proteção dos considerados “perigos da rua” retratados pela liberalização, tutelando-a e colocando-a como foco das reestruturações dos códigos sexuais, jurídicos e morais encaminhados desde o primeiro Código Penal Republicano de 1890.

A partir daí, passou-se a arquitetar “verdades” sobre o feminino, o sexo e o corpo centrados em uma política nacionalista-moralista e naturalizados pelas técnicas polimorfas do poder e da sexualidade. Assim, com o olhar sob a discussão tecida por Foucault (1997), afirma-se que pensar em “verdades” do sexo e em sexualidade é pensar em regimes de poder e em como este poder penetra o corpo, controlando o desejo e o prazer. Nessa perspectiva, as técnicas polimorfas do poder criam toda uma economia discursiva de incitação institucional a se falar de sexo, mas gerindo-o através de uma *polícia do sexo e dos enunciados*, da depuração das palavras e condutas, do controle extensivo das enunciações e movimentos corpóreos enquanto dispositivos da grande sujeição que não se reduzem ao *efeito* negativo da proibição, mas estende-se em um mecanismo mais complexo e positivo.

Logo, ideais de feminilidade e masculinidade passaram a serem difundidos por revistas femininas<sup>9</sup> e pela própria Justiça a cada processo-crime julgado, sustentado em uma nova sensibilidade que entrou em transformações no século XIX, espelhando relações perpassadas pelo amor romântico. Esta mudança refletiu-se principalmente através da literatura em que “a ficção romântica descreve uma atitude de amor mais

<sup>8</sup> NERIDA. Três Nimphas. **Jornal das Moças**, Caicó, ano 1, n. 17, p. 2, 30 maio 1926. (Grafia das palavras conforme o original).

<sup>9</sup> Ver: BASSANEZI (1993).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

próxima a um estado da alma do que da atração física”. (D’INCAO, 2006, p. 233). O amor passa, desse modo, a ser apresentado como um estado da alma difundido principalmente através da literatura romântica brasileira.

De acordo com DUARTE (1999), o sistema de significação que chamam de cultura ocidental está perpassado por relações que se entrecruzam em fenômenos ligados à sensualidade, sexualidade e sensibilidade, categorias de pensamento que são incorporadas pelos indivíduos inconscientemente. Ainda segundo o autor, concomitantemente ao dispositivo da sexualidade surge o dispositivo da sensibilidade ocidental que se refletiu nos romances e se tornou um veículo de incitação dos sentidos que perpassa pelas mudanças no comportamento sexual e em novos estilos de vida sobrepostos ao tradicional, assim como pelo desenvolvimento de tecnologias que produzem a longevidade e a qualidade do corpo, entre outros.

Esse dispositivo de sensibilidade se faz presente nos discursos acerca da modernidade apresentados pelo *Jornal das Moças* em toda uma excitação dos sentidos e de uma preocupação maior com o corpo: o teatro, o cinema, o dancing, a higiene, as especialidades médicas de saúde – odontologia, ginecologia, psiquiatria – todos esses instrumentos contribuiram para uma ampliação da sensibilização do corpo, os quais retratam novas formas de visibilidade e sensibilização para o feminino, calcado no amor romântico e centrado na relação conjugal e familiar (D’INCAO, 2006).

Nessa perspectiva, afirma-se que os discursos jornalísticos e jurídicos, ao centrarem “as verdades” arquitetadas sob o corpo, sexualidade e feminilidade em representações como a sensibilização do feminino, a maternidade, a felicidade conjugal e o amor romântico, naturalizaram a crença na essencialidade e no “modo-de-ser-indivíduo” (COIMBRA; LEITÃO, 2003), legitimando as representações de gêneros e papéis sociais e sexuais opostos e estanques que acabam por transformar o feminino em “o” sexo, sufocando as múltiplas experiências femininas.

Esse controle do corpo e da sexualidade é bastante incidente no *Jornal das Moças* através de artigos, a exemplo de *Como te tornarás feliz: conselhos para as*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*donzelas*<sup>10</sup>, *Os dez mandamentos da mulher elegante*<sup>11</sup>, *Os dez mandamentos da dona de casa*<sup>12</sup> e *O Decálogo da Esposa*<sup>13</sup>, nos quais se percebe a ação de uma pretensa “ordem” que agia não apenas na construção de representações de gênero e papéis sociais para a mulher (boa, pura, donzela e mãe) e o homem (pacífico, harmonioso, honesto, trabalhador, amante da vida familiar), mas também na expectativa de modelar as mentes/corpos e no controle na produção da subjetividade feminina ao veicularem “conselhos” sempre no imperativo: dedique-se, cuidas, evitas, escolhas, queiras, pensas, espera-o etc, apresentado como um destino inexorável a ser seguido: ou se “enquadrava” nas normas ou seria considerada desonesta/desonrada<sup>14</sup>.

É importante ressaltar que não se pode negar os *efeitos* dos saberes jurídicos, jornalísticos e familiares na produção de subjetividades dos sujeitos sociais, mas atenta-se que o processo de formação do subjetivo é bem mais complexo que isso. Essa complexidade é demonstrável, como expõe Ortner (2007), nas próprias ações e intencionalidades dos atos femininos que podem variar da perseguição de planos e projetos conscientes e socialmente construídos, a exemplo dos objetivos e metas (casamento, maternidade etc.), até necessidades, desejos e vontades que variam de inconscientes a bastante consciente.

Por isso, ressalta-se que esse artigo estaria caindo em redundâncias se minimizasse a formação das subjetividades a apenas uma reprodução/repetição coerente das representações de gênero, incorporadas passivamente, pois as fontes analisadas mostram que por mais as mulheres envolvidas em processos criminais falassem a partir de uma linguagem que continha traços significantes que se aproximavam, não correspondiam a uma língua geral e homogênea<sup>15</sup>. Ora, as diversidades e desigualdades

<sup>10</sup> COMO te tornarás feliz: conselhos para as donzelas. **Jornal das Moças**, Caicó, ano 1, n. 37, p. 2, 10 out. 1926.

<sup>11</sup> OS DEZ mandamentos da mulher elegante. **Jornal das Moças**, Caicó, ano 1, n. 23, p. 2, 25 jul. 1926.

<sup>12</sup> OS DEZ mandamentos da dona de casa. **Jornal das Moças**, Caicó, ano 1, n. 23, p. 2, 25 jul. 1926

<sup>13</sup> O DECÁLOGO da esposa. **Jornal das Moças**, Caicó, ano 1, n. 44, p. 2, 05 dez. 1926.

<sup>14</sup> Esses discursos também se fazem presentes nos processos judiciais através do “esquadrinhamento” do corpo, da modelagem das subjetividades femininas e pelo controle intensivo dos detalhes: policiaram-se os gestos, as falas, os olhares, as expressões, os comportamentos, o modo correto de se sentar, se falar, se amar e se ouvir.

<sup>15</sup> As mulheres envolvidas em processos criminais, mesmo tendo experimentado espaços de sociabilidade e compartilhado valores culturais em comum, perpetraram distintas leituras quanto a esses divertimentos, pois aliadas aos valores coexistem diferenças de origem, de experiências sociais e trabalho, sendo a vida social sempre reinventada e (re)significada a cada *performance* estabelecida. Como bem acrescenta Velho (1986), é na vivência individual da heterogeneidade que se torna perceptível à coexistência de códigos e orientações diferenciadas, com valores contraditórios e desmapeamentos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sociais tornaram insustentável pensar as leituras e visões de mundo feitas por todos os membros do grupo social na mesma proporção e intensidade (ORTNER, 2007).

Butler (2003) atenta para a possibilidade de deslocamentos dessas categorias estáticas. Segundo a autora, se o gênero é uma norma e “uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*” (BUTLER, 2003, p. 200, grifo do autor), então é necessário ficar atento à fragilidade que constituem esses processos de incorporação pela subjetividade, uma vez que a possibilidade de deslocamento dessas repetições torna-se real, levando a ultrapassagem das fronteiras normativas através da subversão do gênero (ARÁN; JÚNIOR, 2007).

É a partir desse olhar e da análise minuciosa das fontes, que se afirma que não se pode cristalizar o olhar sob as representações de gênero e sexualidade apresentadas nos discursos jornalísticos e jurídicos enquanto “verdades” incomensuráveis, mas, no entanto, tentar uma desconstrução da “natureza” que envolve o processo de formação das subjetividades e os desejos, para que a multiplicidade de experiências desejantes insurja. Isso demonstra que esse ideal burguês de modernidade, assepsia e de amor romântico não se aplicavam intensamente no cotidiano da sociedade caicoense e brasileira.

Primeiramente, porque o ideal de feminilidade nomeado de “burguês”, importado da França e dos Estados Unidos, encontrou resistências em um país rural que se deslocava lentamente para a cidade com uma mentalidade ainda estruturada sobre valores patriarcais e práticas tidas como tradicionais, a exemplo do samba e o jogo de bicho. Segundo, porque as instâncias pedagógicas como os jornais e a Justiça difundiam representações universalizantes que não se aplicavam à vida real da população brasileira, principalmente das camadas mais populares, pois não havia – e nem há – “uma” família, “um” feminino. O que se visualiza nas fontes são modos de vida, dinâmicas, experiências subjetivas e práticas sociais que desnaturalizam os clichês estanques de feminino e família (FONSECA, 2006).

Conforme Almeida (1987), a re-europeização e aburguesamento pela qual a sociedade brasileira passou a partir dos movimentos normalizadores trazidos pela ação



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

dos higienistas, não se realizou plenamente e foi remodelada para a situação sócio-econômica do país. Essa idéia de “família burguesa”, quando importada para o Brasil, deparou-se com uma realidade social radicalmente diversa de seu local de origem por não possuir uma classe capitalista e comercial legitimamente formada, mas em contraposição, uma extensa área territorial habitada por várias famílias rurais que aos poucos foram transplantadas para a cidade, trazendo consigo a permanência de uma mentalidade arraigada no patriarcalismo, a qual continuava dominante. Dessa forma, “a cidade funcionava, por conseguinte, como extensão da propriedade e das famílias rurais (...) na regulação jurídica, política e administrativa” (COSTA, 1989, p. 39).

Essa realidade aplicava-se à sociedade caicoense. No recorte de 1900 a 1945, o município de Caicó abrangia uma ampla extensão territorial habitada, em sua maioria, por famílias campestres de coronéis (a considerada “elite” caicoense recorrente nos artigos do *Jornal das Moças*) e agregados/trabalhadores, em contraposição, a tímida parcela populacional que habitava a esfera urbana.

Isso demonstra que há um grande distanciamento entre a sociedade idealizada no *Jornal das Moças* e a realidade de muitos homens e mulheres caicoenses, principalmente de classes populares. Enquanto o que se chamava de “progresso” e “civilidade” era reforçado nos discursos jornalísticos e jurídicos, emerge nos depoimentos orais e escritos uma sociedade com precárias condições socioeconômicas, relações amorosas que transcendiam a contenção e leituras singulares quanto a valores como namoro e honra. Ora, a própria subjetivação dos valores considerados “dominantes” e das práticas tidas como higiênicas apresentavam-se diante das resistências expressas pelos sujeitos sociais, impondo obstáculos ao desenvolvimento do projeto moralizador<sup>16</sup>.

A partir dessa realidade se pôde observar e afirmar que as experiências femininas – cotidianas e amorosas – não se cristalizavam nas representações

---

<sup>16</sup> Todavia, vale salientar que embora os discursos do *Jornal das Moças* não fossem direcionados às mulheres de classes populares, a incorporação desses mecanismos disciplinares são verificáveis nas memórias dos entrevistados através da insistência: na não circulação das mulheres desacompanhadas por espaços que maculassem a honra, a exemplo dos sambas; no corpo vigiado; na classificação das mulheres entre “honradas”, “faladas” ou “perdidas”; nas distinções estabelecidas entre honra e vergonha; bem como na insistência dos namoros “sérios” e no casamento das jovens desvirginadas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

universalizantes de feminilidade lhe imputadas pelos discursos normativos, através de estereótipos como fragilidade, frigidez e passividade. Um dos deslocamentos dessa essencialidade é visível no trabalho feminino que se tornava inevitável diante da instabilidade econômica, do desemprego masculino, do real abandono<sup>17</sup> ou da morte do cônjuge.

Outros deslocamentos são perceptíveis nos depoimentos orais e processos criminais através das *performances*<sup>18</sup> desenvolvidas pelas mulheres em seu cotidiano, particularmente, em seus encontros amorosos. Primeiramente, observou-se que muitos relacionamentos amorosos entre jovens que perpassaram pela esfera do *não-dito*<sup>19</sup> foram entrelaçados em espaços de sociabilidade, como os bailes e as praças, os quais propiciavam o início de paqueras, amizades e *namoricos*<sup>20</sup> às escondidas que, muitas vezes, não chegavam ao conhecimento dos pais, o que demonstram que os homens e mulheres vivenciaram relacionamentos bem mais flexíveis<sup>21</sup> que os ansiados pelos discursos normativos: o namoro considerado “sério” e o casamento.

Concomitantemente ao alto índice de relacionamentos movidos por desejos (68% dos casos de defloramentos) sem necessariamente existir “amor romântico” ou o compromisso formalizado entre os jovens e as famílias, é perceptível a elevada taxa de abandono feminino, sendo-lhes imputada a responsabilidade sob o defloramento, as dissoluções familiares, o controle dos impulsos sexuais do homem, a contracepção e gestação e efetivação da gravidez, caso ela ocorresse (SALEM, 2004).

---

<sup>17</sup> Quando esse trabalho se referir ao abandono estará pensando a partir dos casos em que, diante de uma gravidez, o namorado não assumia a responsabilidade, saindo da relação e deixando a mulher como responsável pela criança; nos casos em que o marido dizia ir à procura de emprego em outra cidade, não mais retornando; ou em que a mulher ficava viúva muito cedo, e ainda nas ocorrências em que o marido deixava sua casa para amasiar-se com outra mulher. Esses dados são visíveis nos processos-crime analisados.

<sup>18</sup> Para uma discussão mais detalhada acerca do conceito de *performance*, ver: Butler (2003).

<sup>19</sup> Vale salientar que ao referir-se aos *afetos não-ditos*, esse trabalho está refletindo a partir das dimensões discursivas e desejanças apresentadas por Rogers (2006), nas quais esses *afetos não-confessos* corresponderiam às sexualidades que fugiam à “normalidade” e à “naturalidade” do imaginário e das referências instituídas, não tendo como objetivo a reprodução da espécie, mas intensidades de desejos que colocam o corpo em ação e movimento; assim como as sexualidades que vivenciadas em segredo acabavam por tornarem-se indizíveis, intentadas a jamais serem publicizadas; intensidades que “movimenta[va]m os encontros, os laços de sociabilidades, as amizades-cúmplices, agenciamento dos afectos mal-ditos” (ROGERS, 2006, p. 57, grifo nosso).

<sup>20</sup> Termo recorrente nos discursos orais e jurídicos para se referirem aos namoros entre jovens que não eram reconhecidos enquanto relações formalizadas diante da família, ou seja, relacionamentos sem compromisso algum ou que se passavam às escondidas

<sup>21</sup> Essa flexibilidade nas relações amorosas também foi percebida por Santos (2007).



Tal responsabilidade diante do real abandono levavam as mulheres a acionarem outras estratégias como o amasiamento ou o casamento religioso com alguém a quem lhe fosse atribuída *simpatia* e amizade ou a recorrerem às práticas, táticas e *performances* para evitar a publicização da gravidez/desonra, perceptíveis nas declarações das vítimas e nos depoimentos orais: usavam roupas mais largas que as de costume; apertavam a barriga com cintas ou pratos; evitavam o contato com vizinhos ou conhecidos através de alegações que estavam doentes; utilizavam *beberagens* e *preparados*<sup>22</sup> feitos de plantas, ervas e raízes como cabeça de negro, fedegoso, cabacinha, roda e goma de batata, ipecacuanha para fazer *vir às regras* ou para curar os considerados *incômodos próprios de senhoras* (cólicas), sempre a título de *refrescos*; obtinham fações de tempo por meio de desculpas e mentiras para esconder os “produtos” de seus corpos – fetos – em locais insólitos (mocambos<sup>23</sup>, enterrados dentro da própria casa<sup>24</sup> ou próxima a elas<sup>25</sup>, cachoeiras, ou nas margens e cacimbas de rios<sup>26</sup> etc); e reificavam as justificativas acerca dos abortos, diante da Justiça, como resultados de desejos insaciados de comer bolos, chouriços<sup>27</sup> e mangas<sup>28</sup> e/ou de sustos e frios sofridos dias antes do parto.

No caso dos encontros sexuais, os deslocamentos são percebidos nas táticas, encontros e lugares marcados entre homens e mulheres para a vivência do desejo. Ao que as fontes indicam, os encontros sexuais faziam parte dos namoros de muitas mulheres reconhecidas socialmente como virgens, nos quais os *afetos não-ditos* e os segredos ganhavam espaço. Esses contatos amorosos se davam através da utilização de variadas táticas e *performances* entrelaçadas para driblar a vigilância familiar: aproveitavam-se da ausência dos pais quando descansavam, trabalhavam, ou haviam ido

<sup>22</sup> *Beberagens* e *preparados* eram termos recorrente nos processos criminais que equivalia a chás e cozimentos medicinais utilizados para curar males como dor de cabeça, de dente, cólicas, entre outros.

<sup>23</sup> Processo-crime de Infanticídio – S/N. Caixa FCC/1918. Ano 1918.

<sup>24</sup> Em 1920, a senhora Lucinda Gomes foi residir junto com seu esposo em uma das casas do proprietário do Sítio Sauhá. Percebendo um pedaço de terra fofa em um dos quartos da referida residência, pôs-se a cavar e encontrou o cadáver de um recém-nascido e os panos usados no parto a uma profundidade de dois palmos de terra. Nisso o senhor Benedito Gomes, esposo de Lucinda, direcionou-se à polícia e prestou a queixa contra Maria das Vitórias, a qual havia sido a moradora antecedente a eles naquela residência, da qual os vizinhos diziam ser notório a gravidez que ela procurava ocultar através de uma suposta doença. Ao término do processo, Maria das Vitórias foi condenada, mas a ação acabou prescrevendo por a Justiça não ter obtido qualquer informação do paradeiro da ré pelos anos consecutivos. Ver: Processo-crime de Infanticídio – N° 7179. Caixa 1920. Ano 1920.

<sup>25</sup> Processo-crime de Infanticídio – S/N. Caixa FCC/1942 – ago./dez. Ano 1941.

<sup>26</sup> Processo-crime de Infanticídio – S/N. Caixa FCC/1942 – ago./dez. Ano 1942.

<sup>27</sup> Processo-crime de Infanticídio – S/N. Caixa FCC/1939 – jun./dez. Ano 1939.

<sup>28</sup> Processo-crime de Infanticídio – S/N. Caixa FCC/1942 – ago./dez. Ano 1942.



à feira; fugiam à noite; jogavam bolões de barro no telhado para avisar da chegada<sup>29</sup>; coabitavam em roçados<sup>30</sup>, às margens dos rios<sup>31</sup>, estradas<sup>32</sup> ou entre matos, próximos à casa da vítima<sup>33</sup>; usavam o chão<sup>34</sup>, encostavam-se na parede<sup>35</sup>, ou ainda, usavam-se da casa dos pais da vítima<sup>36</sup>, do réu<sup>37</sup> ou de terceiros<sup>38</sup> para manterem suas relações sexuais.

Nessa medida, dentro de uma sociedade que lapidava socialmente a *agência* feminina através de clichês de submissão/passividade, as fugas despendidas, as cartas escritas com confidências, os encontros às escondidas, as relações sexuais experimentadas, as *performances* entrelaçadas, o uso de práticas abortivas, a recorrência à Justiça e os amasiamentos tornavam-se formas de resistências das mulheres diante de situações que eram lidas por elas como opressivas, mesmo que as resistências estivessem ligadas aos projetos – conscientes ou inconscientes – a serem perseguidos socialmente pelos jovens, a exemplo do casamento e da maternidade.

Todos esses deslocamentos, ou seja, essas diversas vivências e desejos femininos que perpassaram pela esfera do *não-dito*, desconstroem as representações de corpo, feminilidade e desejo veiculadas pelos discursos jornalísticos e jurídicos. Aqui, podem-se visualizar as mulheres como sujeitos desejantes que participaram (e participam!) ativamente no processo de formação das subjetividades através das *linhas de fuga*<sup>39</sup> constituídas cotidianamente. É o olhar sob as multiplicidades que

<sup>29</sup> Processo-crime de Sedução. Nº 3.777. Caixa FCC/1922. Ano 1922.

<sup>30</sup> Processo-crime de Defloração – S/N. Caixa FCC/1940. Ano 1940; Processo-crime de Infanticídio – S/N. Caixa FCC/1942 – ago./dez. Ano 1942.

<sup>31</sup> Processo-crime de Sedução e Defloração – S/N. Caixa FCC/1939 – jan./maio. Ano 1939; Processo-crime de Sedução – S/N. Caixa FCC/1942 – ago./dez. Ano 1942.

<sup>32</sup> Processo-crime de Defloração – Nº 4.639. Caixa FCC/1933 – ago./dez. Ano 1933.

<sup>33</sup> Processo-crime de Estupro – Nº 1.888. Caixa FCC/1925. Ano 1925; Processo-crime de Rapto – Nº 4.492. Caixa FCC/1928. Ano 1928.

<sup>34</sup> Processo-crime de Rapto – Nº 4.492. Caixa FCC/1928. Ano 1928; Processo-crime de Estupro – S/N. Caixa FCC/1943 – jan./ago. Ano 1943.

<sup>35</sup> Processo-crime de Sedução – Nº 5.212. Caixa FCC/1936 – jul./dez. Ano 1936.

<sup>36</sup> Processo-crime de Estupro. Nº 5.875. Caixa FCC/1923. Ano 1923; Processo-crime de Sedução – Nº 6.472. Caixa FCC/1939 – jan./maio. Ano 1939; Processo-crime de Defloração – S/N. Caixa FCC/1929. Ano 1929; Processo-crime de Estupro – S/N. Caixa FCC/1923. Ano 1923.

<sup>37</sup> Processo-crime de Defloração – S/N. Caixa FCC/1939 – jun./dez. Ano 1939; Processo-crime de Defloração – S/N. Caixa FCC/1940. Ano 1940; Processo-crime de Defloração – S/N. Caixa FCC/1940-1941. Ano 1941; Processo-crime de Estupro – S/N. Caixa FCC/1944. Ano 1944.

<sup>38</sup> Processo-crime de Estupro – S/N. Caixa FCC/1928. Ano 1928.

<sup>39</sup> Para Deleuze e Guattari (1995, 1996, 1997), todos os indivíduos são constituídos por linhas que os territorializam em uma (pretensa) ordem de significância e subjetivação. Intermezzas a essas linhas insurgem as de fuga que representariam linhas de rupturas, as quais permitem mudanças moleculares e redistribuições do desejo por meio de micropolíticas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

evidencia o esfacelamento dos estereótipos e clichês que circundaram o feminino (sexuando-o) diante da complexidade social do Brasil.

Esse artigo lançou a proposta de se pensar a multiplicidade. Foi nessa perspectiva que se chegou à conclusão que todas *as experiências são sempre subjetivas* e sua análise exige um dispendioso olhar para além dos clichês que asseguram coerência das representações e identidades de gênero, pois somente através do deslocamento das essencialidades é que se pode emergir a criação de novos *territórios de desejos* e modos de vida, ou seja, de subjetividades singulares.

Emergem, assim, as mulheres desejanças e ativas!!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ângela Mendes de. Notas sobre a família no Brasil. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Pensando a família no Brasil: da Colônia à Modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

ANDRADE, Juciene Batista Félix. **Caicó: uma cidade entre a recusa e sedução**. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2007.

ARÁN, Márcia; JÚNIOR, Carlos Augusto Peixoto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 129-147, jan./jun. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010483332007000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010483332007000100007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 12 dez. 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. São Paulo: Editora Unicamp, 2000.

COIMBRA, Cecília; LEITÃO, Maria Beatriz Sá Leitão. Das essências às multiplicidades: Especialismo psi e produções de subjetividades. **Psicologia & Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 6-17, jul./dez. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822003000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822003000200002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 21 jan. 2009.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

D'IANCO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 223-240.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O Império dos Sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luíza (Org.). **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 21-29.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 510-553.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: Vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III: O cuidado de Si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil** (República: da Belle Époque a era do Rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 367-421

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 401-422.

NETO, Manoel Pereira da Rocha. **Jornal das Moças (1926-1932): educadoras em manchete**. 2002. 120 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2002.

ORTNER, Sherry B. Poder e Projetos: reflexões sobre a Agência. In: Grossi, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry. (Orgs.). **Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova letra, 2007, p. 45-80.

ROGERS, Paulo. **Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas**. 2006. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006

SALEM, Tânia. “Homem... já viu, né?”: representações sobre a sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 15-61.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SANTOS, Maria Emilia Vasconcelos dos. **“Moças Honestas” ou “Meninas Perdidas”**: Um estudo sobre a honra e o uso da justiça pelas mulheres pobres em Pernambuco Imperial (1860-1888). 2007. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2007.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: Uma experiência de geração. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.